

## Perfil epidemiológico da violência sexual no Brasil no período de 2010 a 2023

Epidemiological profile of sexual violence in Brazil from 2010 to 2023

Perfil epidemiológico de la violencia sexual en Brasil en el periodo de 2010 a 2023

Recebido: 30/07/2025 | Revisado: 06/08/2025 | Aceitado: 07/08/2025 | Publicado: 09/08/2025

**Rafael Vitor Dias Dos Santos Santana**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5745-3979>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: rvdias.uasa@gmail.com

**Gabriella Andrade Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0401-5360>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: gabriella.enf2002@gmail.com

**Alice Martins Araújo**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5994-3563>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: aliceacademica@gmail.com

**Naiane Regina Oliveira Goes Reis**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9268-3931>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: naianegoes@hotmail.com

**Marília Santos Figueiredo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7831-7863>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: marilia.sfig@hotmail.com

**Manuela de Carvalho Vieira Martins**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1222-5955>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: manuela.cvm@hotmail.com

**Lorennna Emilia Sena Lopes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6052-7128>  
Universidade Tiradentes, Brasil  
E-mail: lorennalopes1@gmail.com

### Resumo

**Introdução:** A violência sexual é definida como qualquer ato em que uma pessoa utiliza sua posição de poder para forçar outra a participar de uma interação sexual. **Objetivo:** Identificar o perfil das vítimas de violência sexual ocorridas entre 2010 e 2023 no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de cunho epidemiológico, observacional e descritivo, de característica quantitativa. Os dados foram coletados em agosto de 2024 e analisados de 2010-2023 através de consulta do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foram utilizadas variáveis de informação a fim de conseguir o perfilamento dessas vítimas adotando os seguintes fatores de inclusão: ano de notificação, local de ocorrência, agressor, violência de repetição, evolução do caso, sexo, idade, escolaridade e raça. Os materiais brutos coletados e suas respectivas análises matemáticas foram processados através do Microsoft Excel, versão 2024. **Resultados:** Foi identificado um total de 513.716 casos de violência sexual no Brasil entre 2010 e 2023, de maneira objetiva uma crescente no número de casos, destacando um aumento vertiginoso no ano de 2023. A faixa etária de 10 a 14 anos é a que lidera o número de casos, sendo em sua maioria do sexo feminino, cursando o ensino fundamental de cor e raça parda. O local de ocorrência mais comum é a residência, a maioria dos casos de violência sexual no país ocorre no seio familiar ou entre pessoas próximas. **Conclusão:** Os dados evidenciam a necessidade de ações intersetoriais para prevenir e combater a violência sexual no Brasil.

**Palavras-chave:** Colaboração intersetorial; Epidemiologia; Violência contra a mulher.

### Abstract

**Introduction:** Sexual violence is defined as any act in which a person uses their position of power to force another person to participate in a sexual interaction. **Objective:** To identify the profile of victims of sexual violence that occurred between 2010 and 2023 in Brazil. **Methodology:** This is an epidemiological, observational, and descriptive study with quantitative characteristics. Data were collected in August 2024 and analyzed from 2010 to 2023 through consultation of the Notifiable Injuries Information System (SINAN). Information variables were used to profile these victims, adopting the following inclusion factors: year of notification, place of occurrence, aggressor, repeated violence, case evolution, sex, age, education, and race. The collected raw materials and their respective mathematical analyses were processed using Microsoft Excel, version 2024. **Results:** A total of 513,716 cases of sexual violence

were identified in Brazil between 2010 and 2023, with an objective increase in the number of cases, highlighting a steep increase in 2023. The age group of 10 to 14 years old is the one that leads the number of cases, the majority of which are female, attending elementary school, and of mixed race. The most common place of occurrence is the residence, and most cases of sexual violence in the country occur within the family or between close people. Conclusion: The data highlight the need for intersectoral actions to prevent and combat sexual violence in Brazil.

**Keywords:** Intersectoral collaboration; Epidemiology; Violence against women.

## Resumen

Introducción: La violencia sexual se define como cualquier acto en el que una persona utiliza su posición de poder para obligar a otra a participar en una interacción sexual. Objetivo: Identificar el perfil de las víctimas de violencia sexual ocurrida entre 2010 y 2023 en Brasil. Metodología: Se trata de un estudio epidemiológico, observacional y descriptivo, con características cuantitativas. Los datos fueron recolectados en agosto de 2024 y analizados del 2010 al 2023 mediante consulta al Sistema de Información de Enfermedades de Declaración Obligatoria (SINAN). Para perfilar a estas víctimas se utilizaron variables de información, adoptando los siguientes factores de inclusión: año de notificación, lugar de ocurrencia, agresor, violencia reiterada, evolución del caso, sexo, edad, escolaridad y raza. Las materias primas recolectadas y sus respectivos análisis matemáticos fueron procesados mediante el programa Microsoft Excel, versión 2024. Resultados: Se identificaron 513.716 casos de violencia sexual en Brasil entre 2010 y 2023, evidenciando objetivamente un aumento en el número de casos, destacándose un aumento acentuado en el año 2023. El grupo de edad de 10 a 14 años es el que lidera el número de casos, siendo la mayoría de sexo femenino, que asisten a la escuela primaria, de raza mixta o de color. El lugar de ocurrencia más común es el hogar, la mayoría de casos de violencia sexual en el país ocurren dentro del ámbito familiar o entre personas cercanas. Conclusión: Los datos resaltan la necesidad de acciones intersectoriales para prevenir y combatir la violencia sexual en Brasil.

**Palabras clave:** Colaboración intersectorial; Epidemiología; Violencia contra la mujer.

## 1. Introdução

A violência sexual é definida como qualquer ato em que uma pessoa utiliza sua posição de poder, por meio de força física, coerção, intimidação, influência psicológica ou sedução, para forçar outra a participar de uma interação sexual. Historicamente, essa forma de violência está enraizada em questões socioculturais, especialmente nas desigualdades de gênero, que decorrem de sistemas de dominação, afetando principalmente mulheres, crianças e adolescentes, embora os homens também possam ser vítimas (Casini et al., 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no final da década de 1990, passou a reconhecer a violência sexual como um grave problema de saúde pública, em razão de sua alta incidência e das consequências que provoca. Estima-se que, globalmente, cerca de 12 milhões de pessoas sejam afetadas por essa forma de violência a cada ano (OPAS, {s. d.}). Segundo a Organização das Nações Unidas (2021), estima-se que 35% das mulheres sofram violência sexual em algum momento de suas vidas, e que 30% vivenciem violência física ou sexual por parte de seus parceiros. A gravidade da situação é evidenciada pelo fato de que quase 40% dos homicídios de mulheres serem perpetrados por pessoas íntimas.

O Ministério da Saúde expôs a gravidade da violência sexual através de boletim epidemiológico. Foram notificados mais de 200 mil casos entre 2015 e 2021. O lar, que deveria representar um local seguro se tornou cenário de muitos crimes, perpetrados principalmente por pessoas íntimas à vítima. A subnotificação, especialmente no caso envolvendo meninos, indica que o problema é ainda maior do que os números revelam (Brasil, 2023; UNICEF, 2021).

As medidas de distanciamento social implementadas como resposta à pandemia da COVID-19 podem ter tido um efeito colateral indesejado: o aumento da violência doméstica e sexual. Dados preliminares sugerem uma correlação entre as medidas de isolamento e o crescimento dos casos de violência, devido ao aumento do contato entre vítimas e agressores, à redução da capacidade de respostas das instituições de proteção e à limitação do acesso a serviços essenciais (Okabayashi et al., 2020).

É evidente que os números oficiais não capturam a totalidade dos casos, pois há um subregistro considerável devido a diversos fatores, como medo, vergonha e falta de acesso aos serviços de denúncia. Como efeito da violência, as vítimas podem apresentar injúrias físicas e psicológicas, como dor, infecções sexualmente transmissíveis, gestação indesejada, transtorno de

ansiedade, abuso de substâncias e depressão (Casini et al., 2021).

Devido à preocupação com a magnitude do problema, o Ministério da Saúde estabeleceu o Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA) com o objetivo de coletar dados e informações para subsidiar ações de prevenção e controle (Brasil, 2006). A Portaria MS/GM nº 1.271/2014, estabelece a lista de notificação compulsória, tornando imediata (em até 24 horas) a notificação de violência sexual e outros (Brasil, 2014).

A *International Association of Forensic Nursing* (IAFN) considera a enfermagem forense uma especialidade que utiliza os princípios da enfermagem para auxiliar na detecção dos casos e promover a justiça, cujo principal objetivo é apoiar investigações relacionadas a vítimas de diversas formas de violência, incluindo física, sexual, psicológica, econômica e doméstica, além de atuar em situações de acidentes traumáticos, mortes e no tratamento de traumas em agressores e vítimas, como no caso do tráfico humano (Ribeiro et al., 2021).

A relevância desta investigação está na necessidade de compreender o perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual no Brasil. Esses dados são cruciais para a formulação de políticas públicas mais eficazes, permitindo intensificar a prevenção, melhorar a assistência às vítimas e, consequentemente, reduzir o impacto social desse crime. Desta forma, o objetivo deste estudo é identificar o perfil das vítimas de violência sexual ocorridas entre 2010 e 2023 no Brasil.

## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo de cunho epidemiológico, observacional e descritivo, numa pesquisa documental de fonte direta (realizada no TabNet) e, de característica quantitativa (Pereira et al., 2018), com uso de estatística descritiva simples com gráficos, classes de dados por faixa etária, valores de frequência absoluta em quantidade e, frequência relativa porcentual (Shitsuka et al., 2014), que tem como base de investigação a seguinte pergunta norteadora: “Qual o perfil de vítimas de violência sexual ocorridas entre 2010 e 2023 no Brasil?”.

Os estudos epidemiológicos permitem a criação de medidas, propostas e possíveis soluções para controlar um ou mais problemas de saúde analisando os fatores determinantes e usando-os para investigar a propagação e as causas das doenças ou condições relacionadas a saúde de um grupo específico de pessoas (Merchán-Hamann & Tauil, 2021).

Os dados sobre violência sexual no âmbito da atenção primária foram coletados em agosto de 2024 e analisados dos anos de 2010-2023 por meio da consulta ao Painel de Monitoramento de Tabulações de Saúde (TabNet) do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) seguindo o seguinte fluxo:

Foram utilizadas variáveis de informação a fim de conseguir o perfilamento dessas vítimas utilizando fatores de inclusão, seguindo o esquema:

- Variáveis de inclusão:

- a) Perfil da violência: Ano de notificação, local de ocorrência, agressor, violência de repetição, evolução do caso.
- b) Perfil da vítima: Sexo, idade, escolaridade, raça.

Os materiais brutos coletados para esta pesquisa e suas respectivas análises matemáticas, foram dispostos em tabelas e gráficos elaborados através do Microsoft Excel, versão 2024. Trata-se de uma pesquisa com dados de domínio público, desta maneira, isenta-se da obrigatoriedade de qualquer submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), seguindo as resoluções trazidas por meio das diretrizes do Conselho Nacional de Saúde de nº 510/2016.

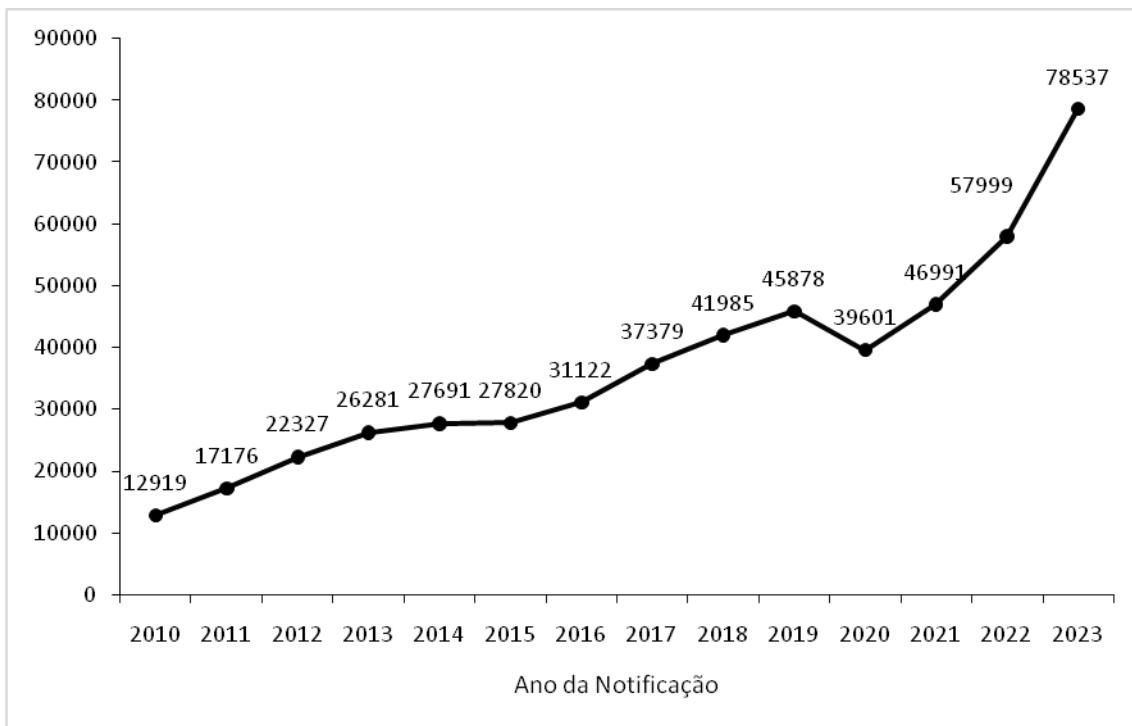
## 3. Resultados e Discussão

### Vítimas de violência sexual

Por meio da coleta de dados realizada junto ao Painel de Monitoramento de Tabulações de Saúde (TabNet) do

Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), foi possível a identificação de um total de 513.716 casos de violência sexual no Brasil entre 2010 e 2023 (Figura 1).

**Figura 1** - Quantitativo de violência sexual no Brasil por ano de 2010 a 2023.



Fonte: MS/TABNET - Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (2024).

Nota-se de maneira objetiva uma crescente no número de casos, destacando um aumento vertiginoso no ano de 2023 ( $n = 78.537$ ; 15,28%), além de uma oscilação em 2020 ( $n = 39.601$ ; 7,70%) o que denota uma queda de 38.936 casos (7,57%). O aumento do primeiro ano de notificação em 2010 ( $n = 12.919$ ; 2,51%) para o último ano em 2023 destaca um crescimento de 65.618 casos (12,77%) se comparados ambos os anos em seus determinados períodos.

A pandemia exacerbou as vulnerabilidades comunitárias, reduzindo o acesso a serviços públicos e instituições que formam a rede de apoio individual. A interrupção ou diminuição das atividades em espaços como igrejas, creches, escolas e serviços de proteção social, combinada com o deslocamento das prioridades dos serviços de saúde para o enfrentamento da COVID-19, dificultou significativamente a busca por ajuda, proteção e alternativas para pessoas em situação de violência. Essa combinação de fatores contribuiu para a manutenção e o agravamento de situações de violência preexistentes (Marques et al., 2020).

O estudo de Stock e colaboradores (2024) identificou 19 fatores associados à violência contra a mulher, os quais foram categorizados em sete grandes grupos: estresse econômico, conflitos conjugais, uso de álcool ou outras drogas, impactos da pandemia de COVID-19 (confinamento, isolamento social, e outros), relações de gênero, vulnerabilidade da mulher (gravidez, baixa escolaridade) e subnotificação. O estresse econômico, presente em mais da metade dos estudos, mostrou-se um fator transversal, especialmente em relação à pandemia, que agravou a situação financeira de muitas famílias em todo o mundo. Por causas como as supracitadas os números de casos entre 2020 e 2023 um aumento vertiginoso.

#### **Perfil epidemiológico da vítima**

Os dados encontrados referentes à violência sexual nos anos de 2010-2023 (CID-10 (T742) foram caracterizados e

dispostos na Tabela 1, incluindo números absolutos e subcategorias representantes aos dados referentes ao perfil vitimológico, sendo eles: faixa etária, sexo, escolaridade e raça.

**Tabela 1** - Caracterização do perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual no Brasil, entre 2010 e 2023.

VARIÁVEIS	N	%
<b>Faixa etária</b>		
<1 Ano	6.343	1,23
01 a 04	64.609	12,57
05 a 09	88.407	17,20
10 a 14	156.336	30,43
15 a 19	70.326	13,68
20 a 29	60.322	11,74
30 a 39	35.145	6,84
40 a 49	18.964	3,69
50 a 59	7.793	1,51
60 e mais	5.028	0,97
Ign/Branco	433	0,08
<b>Sexo</b>		
Masculino	59.883	11,65
Feminino	453.732	88,32
Ign/Branco	91	0,01
<b>Escolaridade</b>		
Analfabeto	4.030	0,78
1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup> série do Ensino fundamental	68.686	13,37
5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> série do Ensino fundamental	134.549	26,19
Ensino médio	77.207	15,02
Ensino superior	23.017	4,48
Não se aplica	108.639	21,14
Ign/Branco	97.578	18,99
<b>Raça/Cor</b>		
Branca	184.963	36,0
Preta	47.011	9,15
Amarela	4.048	0,78
Parda	232.189	45,19
Indígena	5.665	1,10
Ign/Branco	39.830	7,75

Fonte: MS/TABNET – Sistema de Informação de Agravos e Notificações (SINAN) (2024).

Segundo as subcategorias faixa etária, idade, escolaridade e raça, referentes às vítimas de violência sexual no período abordado é possível inferir que:

A faixa etária de 10 a 14 anos (n = 156.336; 30,43%) é a que lidera o número de casos. O total de casos no período da infância compreendendo dos 0 aos 9 anos de idade é de 159.359 (31,02%). Na pré-adolescência dos 10 aos 14 anos (n = 156.336; 30,43%). Na adolescência dos 15-19 anos (n = 70.326; 13,68%). Na fase de adulto jovem dos 20 aos 39 anos (n= 95.467; 18,58%). Na fase de adulto maior 40-59 anos (n= 26.767; 5,21%). Idosos de 60 anos ou mais (n= 5.028; 0,97%). Ignorado/Branco (n= 433; 0,08%).

A conexão entre a vivência de violência sexual e a faixa etária indica que crianças com menos de 13 anos são mais suscetíveis a se tornarem vítimas. Isso pode estar ligado à incapacidade de saber como agir em tais circunstâncias, à

imaturidade, à dificuldade de compreender o que realmente acontece, além de sentimentos de vergonha e medo em relação ao agressor, como demonstrado por outras pesquisas. De acordo com estudos, a maior incidência de violência sexual entre o público feminino pode ser atribuída a fatores culturais que, ao longo do tempo, têm colocado as mulheres em situações de abuso e desvalorização, uma condição que se perpetua na sociedade (Santos et al., 2019).

A maior concentração de casos na faixa etária que abrange desde a infância até o início da adolescência pode estar associada à escolha dos perpetradores de abusos por meninas que estão entrando na puberdade, momento em que ocorrem o surgimento de características sexuais. Normalmente, o agressor se encontra em uma posição vantajosa em termos de força física, maturidade sexual e maior facilidade de acesso à vítima. Devido à sua imaturidade física e psicológica, a vítima não consegue se opor a um agressor que a objetifica sexualmente (Viana et al., 2022).

O sexo feminino (n=453.732; 88,32%) exibe um número alarmante em comparação ao sexo masculino (n= 59.883; 11,65%), Ignorado/Branco (n=91; 0,01%). O desvio do número de casos entre os sexos é de (n=393.849; 76,66%). Mulheres que são vítimas de violência representam um problema grave de saúde pública.

O aumento do número de mulheres vítimas em escala global despertou interesse de governantes e instituições acadêmicas e da sociedade como um todo para a urgente necessidade de entender e lidar com esse fenômeno relevante. A violência sexual evidenciou que o problema é mais comumente observado em mulheres jovens ou adultas como resultado das relações desequilibradas entre os gêneros e do domínio exercido pelos indivíduos mais velhos, no caso específico citado o homem sobre a mulher (Rodrigues et al., 2021).

No Brasil, ocorreram três eventos significativos que auxiliaram no combate à violência contra a mulher: a instalação das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam), a partir de 1985, a emergência dos Juizados Especiais Criminais (Jecrims), a partir de 1995, e a aprovação da Lei no 11.340, em 2006, que estabeleceu mecanismos para prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher (Souza & Cortez, 2014). Esses acontecimentos reforçaram a capacidade do Estado de intervir na dominação masculina sobre feminina, isto é, de intervir na esfera privada.

No aspecto da escolaridade nota-se que a maior incidência de casos acontece com vítimas em idade escolar, sendo que, crianças no ensino fundamental (n= 211.756; 41,22%) caracterizam os maiores números, seguidos de vítimas cuja a escolaridade não se aplica (n=108.639; 21,14%), ignorado/branco (n= 97578, 18,99%), ensino médio (n= 77.207; 15,02%), e ensino superior (n= 23.017, 4,48%).

Os jovens que estão empregados enfrentam maior exposição a comportamentos arriscados, como o consumo de álcool e outras substâncias, práticas sexuais e até mesmo experiências de violência sexual, conforme evidenciado pela pesquisa. A medida em que a carga horária de trabalho aumenta, também se eleva o tempo que esses jovens passam em situações propensas à violência sexual. Vivenciar abusos por parte de familiares e ter faltas escolares sem o consentimento dos pais está relacionado a um maior risco de violência sexual. Por outro lado, residir com um dos pais e contar com supervisão familiar atua como um fator protetor (Santos et al., 2019).

Quanto à raça, é notório o destaque da raça parda (n= 232.189; 45,19%) no perfil de vítimas, tendo como consequentes branca (n= 184.963; 36%), preta (n= 47.011, 9,15%), indígena (n= 5.665, 1,10%) e amarela (n= 4.048, 0,78%).

Há uma conexão entre a violência sexual e a raça/cor que pode ser associada diretamente à predominância de brancos e pardos no Brasil representando mais de 89% da população (IBGE, 2019). No entanto, é provável que tais agressões estejam ligadas às características sociais, étnicas e aos perfis populacionais específicos de cada região do Brasil (Moreira et al., 2017).

### **Perfil epidemiológico da agressão**

Os dados encontrados referentes à violência sexual nos anos de 2010-2023 (CID-10 (T742) foram caracterizados e dispostos na Tabela 2, incluindo números absolutos e subcategorias representantes aos dados referentes ao perfil da agressão,

sendo eles: local de ocorrência, agressor, violência de repetição, evolução do caso.

**Tabela 2** - Caracterização do perfil epidemiológico da agressão sofrida pelas vítimas de violência sexual no Brasil, entre 2010 e 2023.

VARIÁVEIS	Nº	%
<b>Local de ocorrência</b>		
Residência	318.977	62,9
Habitação coletiva	4.574	0,89
Escola	12.545	2,44
Local de prática esportiva	1.976	0,38
Bar ou similar	5.992	1,16
Via pública	56.964	11,08
Comércio/Serviços	6.329	1,23
Indústrias/construção	1.415	0,27
Outros	51.594	10,04
Ign/Branco	53.340	10,38
<b>Agressor</b>		
Amigos	124.246	24,18
Cuidador(a)	4.040	0,78
Desconhecido	102.802	20,01
Ex-cônjuge	11.293	2,19
Ex-namorado	7.796	1,51
Filho	1.145	0,22
Irmão	12.304	2,39
Cônjuge	23.295	4,53
Madrasta	1.083	0,21
Mãe	10.169	1,97
Namorado	31.683	6,16
Outros vínculos (profissionais)	78.581	15,29
Padrasto	45.738	8,90
Pai	46.697	9,09
Patrônio/chefe	1.876	0,36
Pessoa com relação íntima	5.546	1,07
Policial/Ag Lei	937	0,18
Por meios próprios	2.080	0,40
<b>Violência de repetição</b>		
Sim	196.858	38,32
Não	209.617	40,80
Ign/Branco	107.231	20,87
<b>Evolução do caso</b>		
Alta	71.695	13,95
Evasão/fuga	2.169	0,42
Óbito por violência	191	0,03
Óbito por outras causas	56	0,01
Ign/Branco	439.595	85,57

Fonte: MS/TABNET – Sistema de Informação de Agravos e Notificações (SINAN) (2024).

Segundo as subcategorias local de ocorrência, agressor, violência de repetição e evolução do caso, referentes a caracterização da violência sexual no período abordado é possível inferir que:

O local de ocorrência mais comum é a residência (n = 318977, 62,09%) seguida da via pública (n= 56.964, 11,08%).

Quanto ao agressor nota-se que a maioria dos casos de violência sexual no país ocorrem no seio familiar ou entre pessoas próximas, sendo um total de 319.489 casos ou 62,19% tendo como referidos, amigos (n=124.246, 24,18%), cônjuge (n=23.295, 4,53%), cuidador(a) (n= 4.040, 0,78%), ex-cônjuge (n= 11293, 2,19%), ex-namorado (n= 7.796, 1,51%), filho (n=

1.145, 0,22%), irmão (n= 12.304, 2,39%), madrasta (n= 1.083, 0,21%), mãe (n= 10.169, 1,97%), namorado (n= 31.683, 6,16%), padrasto (n= 45.738, 8,19%) e pai (n= 46.697, 9,19%).

Em relação ao local onde os eventos aconteceram, a residência da própria vítima se destacou como o principal ambiente do ocorrido. Esse resultado está alinhado com outros estudos que igualmente indicam o lar como o espaço com maior interação entre as possíveis vítimas e seus agressores. O ambiente doméstico é o cenário de várias formas de violência, e sua privacidade favorece o silêncio em torno dos incidentes frequentes, o que fragiliza na criança e no adolescente a percepção de segurança e abrigo. Toda essa situação torna mais difícil a compreensão desses aspectos e a implementação de ações de intervenção.

Em referência a violência de repetição, de acordo com os números, a maioria dos casos não se repetem (n= 209617, 40,80%), contrapondo as que foram registradas como repetidas (n= 196.858, 38,32%), ignorado/branco (n= 107.231, 20,87%). Sendo, um desvio de 12.759 casos ou 2,48% entre as subcategorias ‘não’ e ‘sim’ respectivamente.

No que se refere à revitimização sexual, observou-se uma menor proporção e uma redução nas chances de ocorrência, ao contrário de outros estudos que identificaram um maior risco de reincidência da violência sexual entre crianças e adolescentes. Esses estudos destacam que a relação próxima entre o agressor e a vítima torna mais difícil a identificação da violência, e a ausência de punições rigorosas, juntamente com a proteção que os familiares muitas vezes oferecem ao agressor, contribui para que esses episódios se tornem crônicos. É importante destacar que muitos casos de violência sexual permanecem sem denúncia, o que facilita a continuidade desses atos e provoca danos irreparáveis ao desenvolvimento e crescimento das crianças e adolescentes (Miranda et al., 2020).

No período de 2010 a 2023, o Brasil registrou estatísticas preocupantes sobre violência sexual, evidenciando tanto a seriedade do cenário quanto as falhas nos registros e no monitoramento dos casos. Durante o intervalo, a progressão dos casos notificados mostrou que a maior parte foi classificada como “alta”, somando 71.695 casos (13,95%). Este índice demonstra que muitos sobreviventes conseguem obter algum tipo de auxílio e, eventualmente, retomar suas rotinas. Contudo, outros grupos apresentaram números consideravelmente inferiores, como os casos de “evasão ou fuga” (2.169 ocorrências, 0,42%), “óbitos por violência” (191 ocorrências, 0,03%) e “óbitos por outras causas” (56 ocorrências, 0,01%). Embora essas informações, um aspecto crucial é a elevada porcentagem de registros categorizados como “ignorados/brancos”, totalizando 439.595 ocorrências, o que representa 85,57% do total.

#### **4. Considerações Finais**

A respeito do perfilamento vitimológico é possível ponderar que as vítimas de violência sexual no Brasil embasado em dados do TabNet através do Sistema de Informação de agravos e notificações (SINAN) do Ministério da saúde tem em sua maioria uma faixa etária entre 10 e 14 anos, são do sexo feminino, estão entre a 5<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental e são de cor parda.

A respeito do perfilamento da violência sofrida por vítimas de violência sexual no Brasil é possível ponderar embasado em dados do TabNet através do Sistema de Informação de agravos e notificações (SINAN) do Ministério da saúde ocorrem em sua maioria dentro da residência, praticado por amigos, família ou pessoas próximas, não se repetem, categoria essa quase em critério de empate, e evoluem com alta, ratificando quanto ao registro maioritário na subcategoria ignorado/branco.

Os dados evidenciam a necessidade de ações intersetoriais para prevenir e combater a violência sexual no Brasil. É necessário fortalecer as políticas públicas que protegem as vítimas e punem os agressores, além de investir em programas educativos para prevenir o abuso e promover a denúncia. A sociedade deve ser conscientizada para eliminar estigmas e construir uma cultura de acolhimento e respeito. Nesse contexto, os profissionais de enfermagem desempenham um papel

fundamental na linha de frente, oferecendo acolhimento, e cuidados imediatos às vítimas. Sua formação os habilita a reconhecer sinais de abuso, coletar evidências e orientar sobre direitos e serviços disponíveis.

## Referências

- Brasil. Ministério da Saúde – MS. (2023). *Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/novo-boletim-epidemiologico-aponta-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>.
- Brasil. Ministério da Saúde – MS. (2014). *Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014*. Diário Oficial da União, seção 1.
- Brasil. Ministério da Saúde – MS (2006). *Portaria nº 1.356 De 23 de junho de 2006*. Diário Oficial da União, seção 1.
- Brasil. Ministério da Saúde – MS. (2024). *Sistema de Informação de Agravos e Notificação - SINAN*. <https://datasus.saude.gov.br/acesso-a-informacao/doencas-e-agravos-de-notificacao-de-2007-em-diante-sinan/>.
- Casini, I. S., Andrade, B. D. S., Fonseca, G. G., Passos, T. S., Torres, R. C., Bernardo, L. P., Carvalho, A. R., & Lemos, W. P. B. (2021). Violência sexual: análise epidemiológica entre os anos de 2010 a 2018. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(5), 22136-22151. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-312>.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF. (2021). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. Relatório Nacional (BR), 1-56. <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-lethal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2019). *Conheça o Brasil – População Cor ou Raça*. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>.
- Marques, E. S., Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., Deslandes, F. S., & Reinchenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4), 1-6. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
- Merchan-Hamann, E., & Tauli, P. L. (2021). Proposta de classificação dos diferentes tipos de estudos epidemiológicos descritivos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30(1), 1-13. <https://doi.org/10.1590/s1679-49742021000100026>.
- Miranda, M. H. H., Fernandes, F. E. C. V., Melo, R. A., & Meireles, R. C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 54, 1-8. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633>.
- Moreira, K. F. A., Oliveira, D. M., Oliveira, C. A. B., Alencar, L. N., Orfão, N. H., Farias, E. S. (2017). Perfil das crianças e adolescentes vítimas de violência. *Revista de Enfermagem UFPE*, 11(11), 4410-4417. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/15016/pdf>.
- Okabayashi, N. Y. T., Tassara, I. G., Casaca, M. C. G., Falcão, A. A., & Bellini, M. Z. (2020). Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil-impacto do isolamento social pela COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(3), 4511-4531. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n3-049>.
- Organização das Nações Unidas – ONU. (2021). *OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência*. <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%A3ncia>.
- Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS. (s.d). *Violência contra as mulheres*. <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>.
- Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free e-book]. Editora da UAB/NTE/UFSM.
- Ribeiro, C. L., Maia, I. C. V. L., Souza, J. F., Santos, V. F., Santos, J. S., & Vieira, L. J. E. S. (2021). Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa. *Escola Anna Nery*, 25(5), 1-9. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0133>.
- Rodrigues, J. B. S., Filha, L. R. L., Costa, Y. S., Santos, J. S., Silva, M. R., Brandão, M. A., Santos, L. V. S., Souza, V. C., Verde, J. S. C., & Lopes, G. S. (2021). Atuação do enfermeiro frente a mulher vítima de violência sexual. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(2), 1-15. <https://doi.org/10.25248/reas.e5801.2021>.
- Santos, M. J., Mascarenhas, M. D. M., Malta, D. C., Lima, C. M., & Silva, M. M. A. (2019). Prevalência de violência sexual e fatores associados entre estudantes do ensino fundamental - Brasil, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(2), 535-544. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.13112017>.
- Shitsuka, R. et al., (2014). *Matemática fundamental para tecnologia*. (2.ed.). Editora Érica.
- Souza, L. & Cortez, M. B. (2014). A delegacia da mulher perante as normas e leis para o enfrentamento da violência contra a mulher: um estudo de caso. *Revista de Administração Pública*, 48(3), 621-639. <https://doi.org/10.1590/0034-76121141>.
- Stock, T. O., Gonsales, M. L., Guimarães, S. S., & Costa, A. B. (2024). Violência contra as mulheres na pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 34, 1-26. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434037pt>.
- Viana, V. A. O., Madeiro, A. P., Mascarenhas, M. D. M., & Rodrigues, M. T. P. (2022). Tendência temporal da violência sexual contra mulheres adolescentes no Brasil, 2011-2018. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(6), 2363-2371. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.14992021>.